

“Nascemos nus, o resto é drag” (Rupaul Charles) Blog Museu Drag

JOGLESSON COSTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

RESUMO:

O texto narra a jornada do autor ao ser apresentado ao universo drag em 2017, inspirado por ícones como Gloria Groove, Pablllo Vittar e RuPaul. Explora a história e o impacto cultural das drags, além de seu papel na preservação de memórias. Com base na Museologia Comunitária LGBT, o autor propõe o desenvolvimento de um blog-museu drag, uma plataforma virtual que serve como um espaço acessível para preservar e celebrar a cultura drag, suas performances e histórias, e proporcionar uma nova perspectiva para o campo da museologia.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura drag, Museologia comunitária LGBT, Blog-museu drag, RuPaul, Preservação de memória.

ABSTRACT:

The text narrates the author's journey into the drag universe in 2017, inspired by icons such as Gloria Groove, Pablllo Vittar, and RuPaul. It explores the history and cultural impact of drag queens and their role in preserving memories. Drawing from LGBT Community Museology, the author proposes the development of a drag blog-museum, a virtual platform that serves as an accessible space to preserve and celebrate drag culture, performances, and stories, offering a new perspective for the museology field.

KEYWORDS: Drag culture, LGBT Community Museology, Drag blog-museum, RuPaul, Memory preservation.

“Nascemos nus, o resto é drag” (Rupaul Charles) Blog Museu Drag

JOGLESSON COSTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

Fui apresentado ao Universo das drags em 2017, durante uma apresentação da Drag Queen Gloria Groove, meses depois conheci a drag Queen Pablio Vittar, ao acompanhar algumas entrevistas que elas concederam na época. Me lembro delas citarem que são filhas de Rupaul, claramente fiquei curioso, ao buscar mais sobre na internet cheguei até o reality show Rupaul Drag Race.

E foi exatamente naquele momento que criei afeto pela arte e cultura drag, e pela forma como elas são capazes de se expressar e externar toda a persona que sempre estive aprisionada em seus corpos. Esse universo me encantou.

Rupaul canta em uma de suas músicas Born Naked de 2014, que "todos nós nascemos nus é o resto é Drag", essa frase me faz pensar sobre como todos nós podemos fazer drag, já que as drags são persona e alter egos que criamos. Alguns exemplos: Lady Gaga que é a persona de Stefani Germanotta; Gloria Groove é a personagem de Daniel Garcia; Rita Von Hunty é a personagem do Guilherme; Xuxa é a persona de Maria da Graça Xuxa Meneghel.

Partindo desse ponto de que a drag é uma personagem criada para mostrar ao mundo o que você tem de melhor, acredito que a drag pode ser considerada como uma máscara que as pessoas utilizam para determinado fim. Por exemplo, no "podcast" (POC de Cultura episódio 35 — A Arte Drag), Guilherme argumenta que Rita Von Hunty é sua personagem, que é como uma máscara para vencer a timidez e chegar até o público.

Entendemos que drag é uma personagem criada por um sujeito, para mostrar sua melhor versão de si. Drag pode transitar por vários sentidos da vida, além da área artística. Mais o que é a drag queen? O termo Drag Queen (ou King) é definido por Jaqueline Jesus como:

Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento.

“Nascemos nus, o resto é drag” (Rupaul Charles) Blog Museu Drag

JOGLESSON COSTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

Esse conceito é abordado pelo guia de Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos . (Jesus, 2012 p 18).

Atualmente qualquer pessoa independente do gênero pode fazer drag, como performance artística. Portanto, para ser drag não é essencial um padrão, todos podem se expressar através da arte, homens, gays, lésbicas, transsexuais, mulheres cis e até mesmo homens héteros, pois o mais importante é a arte e a cultura em desenvolvimento.

Muito se engana quem pensa dessa forma, de acordo com Alana Sousa (2020) “A arte drag, tem registros desde a Roma antiga, porém foi no teatro da Grécia antiga, onde as mulheres eram proibidas de se apresentarem em palcos, por ser considerado inapropriado. desta forma os homens tinham o papel de performar esse papel destinado às mulheres. A prática dessa performidade se tornou comum com o passar do tempo. porém foi somente na Era Vitoriana, durante os séculos XIX e XX, que a expressão drag foi utilizada pela primeira vez, nesse período a drag era responsável por popularizar a representação feminina de forma artística pela europa”

Saindo da Era Vitoriana e indo para o Japão temos o Teatro Kabuki, século XVII, ele operava com moldes similares às manifestações artísticas da e Era Vitoriana, o teatro Kubuki feminino era proibido por ser associado a prostituição, portanto cabia aos homens quebrarem o tabu e os esteriotipos intepretando mulheres, de forma artistica no palco durante as apresentações. A palavra Drag não era utilizada mais sim a expressão onnagata que é um (ator que interpreta papéis femininos).

Nos anos 80 a Arte drag estava em grande ascensão, porém foi bruscamente freada pela pandemia do HIV (AIDS). O fato das drag queens estarem

“Nascemos nus, o resto é drag” (Rupaul Charles) Blog Museu Drag

JOGLESSON COSTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

inseridas na comunidade LGBTQIA+ e nos Ballroom fez com que elas fossem discriminadas pela sociedade, vítimas de preconceito. Dessa forma elas não tinham locais para se apresentarem e a cena drag acabou por ser diminuída.

Após a cultura e o cenário drag quase ter desaparecido, nos anos 90 surgiu aquela que viria a ser uma das maiores representantes da Cultura Drag, RUPAUL CHARLES. Ele com sua drag fugia do padrão que as drags possuíam de ser personas que expressam suas feminilidades de forma caricata e humorada, que dublavam as grandes divas da época. Rupaul através da sua drag, se tornou modelo, cantor, ator e apresentador do maior reality de Drag queen do mundo, Rupaul Drag Race.

O impacto de Rupaul foi tamanho que a arte drag voltou com força para a mídia. Atualmente, estamos vivenciando uma era de ouro para as drag queen. No Brasil, Pabllo Vittar e Gloria Groove, são atualmente as drags mais famosas, em um país extremamente homofóbico.

Quem poderia imaginar que no Brasil um dos países mais preconceituosos seria um berço das drags? Temos drags no cenário da música pop, sertaneja, funk, forró e brega. Temos drags participando de novelas, filmes e na política.

Como o cenário drag quase desapareceu uma vez durante a epidemia da AIDS, me surgiu o interesse de como seria possível preservar essa cultura tão rica. Foi então que ingressei na academia e conheci a museologia comunitária, que me ajudou a compreender os processo de construção da memória realizados a partir dos sujeitos e comunidades Me foi apresentado alguns termos como museologia LGBT que atua com projetos voltados para a comunidade LGBT, e dentro da museologia temos a museologia comunitária LGBT, que Boita, Baptista, Habib e Sabará. entendem como:

“Nascemos nus, o resto é drag” (Rupaul Charles) Blog Museu Drag

JOGLESSON COSTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

Um conjunto teórico e metodológico orientado por uma epistemologia LGBT+ interseccionada a gênero, classe, raça, particularmente caracterizada pelo uso do pronome “nós” e diretamente vinculada às demandas de Políticas Públicas aliada aos pilares dos Direitos Humanos. Trata-se de uma Museologia pensada por nós, onde o pertencimento é determinante para se deliberar sobre nossas próprias demandas, pautando-se, sobretudo, na salvaguarda de nossas memórias como estratégia de proteção de nossas vidas, para nós e por nós — ou seja, é uma Museologia feita por e para a comunidade LGBT+.(Baptista e Boita, p 20. 2015)

Esse novo conceito me deixou muito empolgado porque ninguém melhor do que os membros da comunidade para dizer o que a comunidade precisa. Ao realizar um trabalho para uma disciplina de Antropologia Visual, que possuía como objetivo a criação de um museu, surgiu a ideia do Museu Virtual, que a princípio era voltado a evidenciar a cultura da comunidade Queer, pensando como um antropólogo e utilizando os textos da disciplina com uma abordagem social. Ao final do trabalho me surpreendi com o resultado, porque nasceu uma perspectiva para a abordagem da cultura Drag, voltada para o campo da museologia.

O Museu virtual, a princípio é uma plataforma digital acessível, onde as pessoas podem expressar seus sentimentos e ser quem elas desejarem ser, uma plataforma que nos possibilita demonstrar o que realmente queremos fazer.

Pensando nessa questão da proximidade com o próximo e a liberdade de se expressar, o museu virtual é construído no formato de blog, uma espécie de diário online.

Dessa forma o blog-museu drag é algo que penso como uma subversão do museu tradicional em paralelo com a Arte Drag, onde uma pessoa se coloca no full Drag, para expressar a melhor versão de si próprio. O Blog-Museu Drag passa por

“Nascemos nus, o resto é drag” (Rupaul Charles) Blog Museu Drag

JOGLESSON COSTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

essa transformação no exato momento que deixa o conceito de museu tradicional para trás, e se encaixa no meio virtual para poder atender mais pessoas que se relacionam com a cultura Drag.

É muito importante entender a cultura drag, ela surgiu há muito tempo assim como quase sumiu, como relatado. Creio ser importante preservar essa cultura, por não se tratar apenas de colocar uma peruca e se apresentar, se trata de uma compreensão que precisa de prática, paciência, referem-se às performances, de saberes e ensinamentos que podem ser passados para as gerações futuras de drags.

Trata-se de uma questão de identidade, como Rupaul disse uma vez: “Quando você se torna a imagem que imagina de si, é a coisa mais poderosa que você pode fazer”. A drag pode ser a porta para o autoconhecimento e compreensão de si mesmo.

O Blog-museu Drag está em construção, mas é pensado como uma plataforma de salvaguarda da Cultura Drag, através de suas performances, fotografias e relatos. O projeto do blog museu drag é a porta de entrada para o desenvolvimento de uma Museologia Drag.

Referências:

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

“Nascemos nus, o resto é drag” (Rupaul Charles) Blog Museu Drag

JOGLESSON COSTA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.8 N.2 ANO 2023

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia Comunitária LGBT. Revista Memórias LGBT. Rio de Janeiro, n. 7, p. 20, 2015.

TEIXEIRA, Gabriela. Existe um padrão de Drag? JORNALISMO JÚNIOR, Disponível em: <https://jornalismojunior.com.br/existe-um--padrao-de-drag/> Acessado em 05/05/2022

SOUSA, Alana. AS DRAG QUEENS DA ERA VITORIANA, PUBLICADO EM 14/02/2020. disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/galeria/em-imagens-drag-queens-da-era-vitoriana.phtml> Acessado em: 12/05/2022

SOBRE AS AUTORIAS:

Joglesson Costa, Universidade Federal de Goiás

Graduado em Museologia pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: joglessoncosta@discente.ufg.br

RECEBIDO em: 28/02/2023

APROVADO em:05/04/2023